



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

MARIA IZABELA FERNANDES

**O ATO DE ERGUER A VOZ E A IMPORTÂNCIA DA
ESCRITA DA MULHER PRETA NO ROMANCE *AMERICANAH***

**CAMPINA GRANDE
2022**

MARIA IZABELA FERNANDES

**O ATO DE ERGUER A VOZ E A IMPORTÂNCIA DA
ESCRITA DA MULHER PRETA NO ROMANCE *AMERICANAH***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Celso José de Lima Júnior

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F363a Fernandes, Maria Izabela.
O ato de erguer a voz e a importância da escrita da mulher preta no romance *Americanah* [manuscrito] / Maria Izabela Fernandes. - 2022.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Prof. Me. Celso José de Lima Júnior, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Chimamanda Ngozi Adichie. 2. Escrita feminina. 3. Pensamento feminista - Negro. I. Título

21. ed. CDD 305.4

MARIA IZABELA FERNANDES

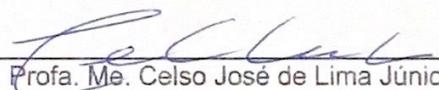
O ATO DE ERGUER A VOZ E A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA DA MULHER PRETA
NO ROMANCE AMERICANAH

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Licenciatura Plena em Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Língua Inglesa.

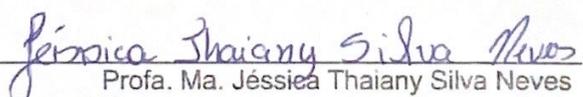
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 08/09/2022.

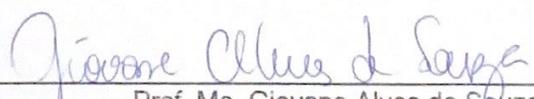
BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Celso José de Lima Júnior (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Jéssica Thaiany Silva Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Giovane Alves de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

9.5
Média

*Dedico esse trabalho a todas as mulheres
que me influenciaram, através da sua vida
ou da sua escrita, a ser quem eu sou hoje*

*"Lift every voice and sing,
Till earth and heaven ring,
Ring with the harmonies of Liberty;
Let our rejoicing rise
High as the list'ning skies,
Let it resound loud as the rolling sea.
Sing a song full of the faith that the dark past has taught us,
Sing a song full of the hope that the present has brought us;
Facing the rising sun of our new day begun,
Let us march on till victory is won. [...]"*

**(Lift Every Voice and Sing -
James Weldon Johnson)**

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	REFERENCIAL TEÓRICO	08
2.1	O feminismo como uma luta libertadora	08
2.2	O ato de erguer a voz	09
2.3	Encontrando a voz através da escrita	11
2.4	A importância da escrita da mulher preta	12
3	ANÁLISE DA OBRA <i>AMERICANAH</i>	13
3.1	A autora	13
3.2	Resumo do romance	14
3.3	Análise dos eventos de <i>Americanah</i> através da teoria de bell hooks	15
3.3.1	<i>Irmã Ibinabo – Questionamento de “normas”</i>	15
3.3.2	<i>Kayode e Obinze – Caracterização de Ifemelu por homens</i>	16
3.3.3	<i>Poeta haitiana – Questionamento da “alienação” de mulheres negras/</i> <i>o descobrir-se negra</i>	17
3.3.4	<i>Curt – Questionamentos que emergiram nesta relação</i>	17
3.3.5	<i>Wambui – A voz libertadora através da escrita (blog)</i>	17
3.3.6	<i>Avalanche crítica – Lidando com a repressão</i>	18
3.3.7	<i>Blaine – A opressão dentro da escrita</i>	19
3.3.8	<i>Ifemelu – A vida após o blog</i>	19
3.3.9	<i>Ifemelu e hooks – Ficção e vida real</i>	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	21

O ATO DE ERGUER A VOZ E A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA DA MULHER PRETA NO ROMANCE *AMERICANAH*

THE ACT OF TALKING BACK AND THE IMPORTANCE OF BLACK WOMEN'S WRITING IN THE *AMERICANAH* NOVEL

Maria Izabela Fernandes¹

RESUMO

A fala feminina encontra diversos obstáculos dentro da nossa sociedade, uma vez que a mulher é condicionada ao silêncio e à uma “fala correta da feminilidade”. Sobre essa perspectiva, a escritora bell hooks (2019) discorre acerca do ato de erguer a voz como sendo uma prática libertadora através da qual somos capazes de nos afirmar como sujeitos no mundo. Para muitas mulheres, essa voz libertadora se configurou em escrita, retratando suas lutas e opiniões. Em conjunto com a teoria apresentada por hooks (2019), foi realizada uma análise teórica do romance *Americanah* (2013), escrito pela autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Levando em consideração a voz, a escrita feminina negra, e a obra em análise, essa pesquisa tem por objetivo gerar questionamentos, tais como: De que forma Ifemelu usa sua voz ao longo da sua trajetória? Qual é a importância da sua escrita para o contexto social na qual ela está inserida? Ao final da pesquisa, foi possível compreender que a escrita feminina negra tem um grande caráter de conscientização para temas como o machismo e o racismo, servindo de base para discussões e de referência para tantas outras mulheres que ainda estão no silêncio ou que estão no processo de encontrar sua voz.

Palavras-Chave: Chimamanda Ngozi Adichie. Escrita feminina. Pensamento feminista - Negro.

ABSTRACT

Female speech encounters many obstacles within our society, once women are conditioned to silence and to a “right speech of womanhood”. From this perspective, the author bell hooks (2019) discusses the act of talking back as a liberating practice through which we are able to affirm ourselves as subjects in the world. For many women, the liberating voice took shape in writing, portraying their struggles and opinions. Along with the theory presented by hooks (2019), a bibliographic review of the novel *Americanah* (2013), written by the Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie, was carried out. Taking into consideration the voice, the black women's writing, and the book under analysis, this research aims to answer such questions: How does Ifemelu use her voice throughout her trajectory? What is the importance of her writing to the social context in which she is set? At the end of the research, it was possible to understand that black women's writing has a great aspect of raising awareness for issues such as sexism and racism, serving as a basis for discussions and as a reference for so many other women who are still silent or who are in the process of finding their voices.

Keywords: Chimamanda Ngozi Adichie. Women's writing. Feminist thought - Black.

¹ Graduanda do curso de Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *Campus I*.

1 INTRODUÇÃO

Ser mulher em uma sociedade patriarcal tem seus desafios, uma vez que somos criadas para o silêncio e a "fala correta da feminilidade". Ao decorrer dos anos, as mulheres viram a importância de lutar pelos seus direitos, erguendo a sua voz para as injustiças. Inicialmente, o feminismo surgiu como uma resposta para a dominação patriarcal, porém, mais tarde, o movimento ampliou seu campo de atuação, trazendo destaque para questões de raça e classe. Para bell hooks² (2019), a luta feminista deveria ser uma premissa para todos, visto que ela tem por objetivo a libertação de todas as formas de opressão.

O ato de erguer a voz em uma sociedade tão marcada por estas inúmeras formas de opressão também é caracterizado como um processo libertador, pois através dele saímos da condição de objeto para sujeito da ação (HOOKS, 2019). Através dessa prática libertadora, a fala feminina começou a ganhar espaço e identidade dentro da sociedade, trazendo destaque para a luta contra os sistemas de opressão e o domínio patriarcal. Para algumas mulheres a fala permaneceu no campo da oralidade, enquanto para outras a fala se transformou em texto escrito, fazendo da literatura um suporte para expressar seus diversos pensamentos e sentimentos.

Precisamos lembrar que o movimento feminista é coletivo, mas a voz é individual. Erguer a voz não é um processo simétrico visto que todas as mulheres vivenciam trajetórias e contextos diferentes. Para muitas mulheres negras, por exemplo, a dificuldade não está em falar, mas está em fazer com que essa fala seja reconhecida. O racismo nos mostra como a voz da mulher branca é separada da voz da mulher negra, tanto nas suas experiências pessoais quanto na sua relevância. Com isso, esse trabalho pretende evidenciar a perspectiva feminina negra no âmbito da escrita, uma vez que sua narrativa não tem tanta visibilidade dentro da literatura e sua voz não tem o reconhecimento que precisa.

O livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* da escritora norte-americana bell hooks (2019) foi usado como principal aporte teórico dessa pesquisa. A obra é composta por vários ensaios que combinam a teoria com relatos pessoais da autora, abordando temas como a voz e a escrita feminina negra, teoria feminista, violência em relacionamentos íntimos, supremacia branca, entre outros. Porém, o tópico mais abordado nesse trabalho foi a teoria do ato de erguer a voz, que de acordo com hooks (2019), esse ato de fala não se trata de um mero gesto de palavras vazias, mas de uma expressão da nossa transição de objeto para sujeito.

Para complementar a teoria de bell hooks (2019), foi feita uma análise teórica do romance *Americanah* (2013), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O livro narra a trajetória de Ifemelu, uma garota nigeriana que se muda para os Estados Unidos com a intenção de dar continuidade aos seus estudos. A partir das suas vivências como imigrante, a personagem se reconhece como negra pela primeira vez, já que em seu país de origem a raça não é um problema. Observando situações do seu cotidiano na América, Ifemelu usou do seu pensamento crítico acerca de questões raciais para escrever em seu *blog*. Seus *posts* sempre traziam

² Pseudônimo de Gloria Jean Watkins. A escrita do nome bell hooks em letras minúsculas se deve ao fato de que, segundo a autora, o conteúdo dos seus livros era mais importante do que seu nome em si. Pensando nesse aspecto, respeitando seu posicionamento e sua escolha pessoal, nessa pesquisa iremos manter a escrita do nome de hooks em letras minúsculas, salvo exceções como início de frases, parágrafos e citações diretas.

questionamentos e debates sobre o racismo, o machismo e os padrões de beleza impostos pela sociedade.

Levando em consideração a voz e a escrita feminina negra, assim como o romance *Americanah*, esse trabalho tem por objetivo gerar questionamentos, tais como: De que forma Ifemelu usa sua voz ao longo da trajetória? Qual é a importância da sua escrita para o contexto social na qual ela está inserida? A análise da história da personagem é feita a partir da perspectiva de que a voz feminina negra sinalizada através da escrita sempre aponta para a importância do seu passado e indica uma mudança para o presente.

O artigo foi organizado em: 2.1 O feminismo como uma luta libertadora; 2.2 O ato de erguer a voz; 2.3 Encontrando a voz através da escrita; e 2.4 A importância da escrita feminina negra. Enquanto a análise da obra *Americanah* (2013) foi dividida em: 3.1 A autora; 3.2 Resumo do romance; e 3.3 Análise dos eventos de *Americanah*, através da teoria de bell hooks. Por último, temos as considerações finais do trabalho e as referências bibliográficas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria apresentada nesse tópico parte da concepção do feminismo, caminhando pela teoria de bell hooks (2019) acerca do ato de erguer a voz. Posteriormente, outras autoras são citadas para retratar como a voz da mulher se fez por meio da escrita, assim como a importância da escrita da mulher preta dentro e fora do cânone literário.

2.1 O feminismo como uma luta libertadora

No seu livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*, a escritora bell hooks (2019) discorre sobre várias temáticas, sendo uma delas sistemas de opressão, questões de gênero, raça e feminismo. No capítulo três, desta obra, intitulado "feminismo: uma política transformadora", ela inicia uma discussão sobre como o mundo em que vivemos é regido por políticas de dominação, onde o superior exerce o seu poder sob o inferior, distinguindo as relações entre opressor e oprimido. Foucault (1995) argumenta que todo ser humano tem a capacidade de interagir com o seu meio, assim como de regular o outro através de um jogo de relações. Ele afirma que essa relação de poder é intrínseca às sociedades, se mostrando tendenciosa e propagadora de exclusão. Silva (2016) evidencia ainda mais essa problemática quando cita algumas lutas contra a dominação que foram travadas ao longo da história na intenção de se buscar soluções, sendo uma delas a busca pela igualdade de gênero.

De acordo com Joan Scott (2019), o gênero é um elemento que se constitui de relações sociais, baseado nas diferenças entre os sexos e formando significações das relações de poder. Sobre esse aspecto, Judith Butler (2019) diz que os gêneros não são passíveis aos corpos, e muito menos determinados pela natureza, pela língua, por simbologias ou pela grande história do patriarcado. Com isso, compreendemos que a diferença de gênero é uma construção social que gira em torno de poder, sendo considerado um sistema de opressão.

Hooks (2019) aponta que a perspectiva de pensadoras feministas contemporâneas que insistem que a diferença entre os gêneros é um fator que dá oportunidade para a separação e a dominação. A diferenciação entre homens e mulheres indica a dominação patriarcal como a raiz do problema. No patriarcado, o

homem adquire uma posição de poder e influência, e em virtude dessa construção social, a mulher se encontra em uma posição de inferioridade e submissão. Monique Wittig (2019) fala que com o passar do tempo, as mulheres começaram a considerar características comuns como resultado da opressão, levando-as a lutarem por si mesmas como um grupo. Através disso, o movimento feminista surgiu como uma resposta para a dominação patriarcal, revelando a desigualdade de gênero presente na nossa sociedade, tendo como objetivo a libertação feminina dentro desse sistema opressor.

Hooks (2019) acrescenta que por muito tempo o movimento feminista foi promovido por influentes mulheres brancas que propagaram a ideia de que o feminismo deveria ser a premissa política central de mulheres ao redor do mundo. Todavia essa ideologia nos traz de volta à raiz do problema, que são as políticas de dominação. Mulheres negras e não brancas não apoiavam a luta feminista e desconsideravam a importância desse movimento, visto que mesmo dentro dele, havia interesse de poder e dominação sob elas. Ela enfatiza que ao chamar atenção para os sistemas de opressão (sendo eles de sexo, raça e classe), as mulheres negras, assim como outros grupos de mulheres, reconhecem a diversidade da experiência de ser mulher, além da sua relação com poder e dominação. Com isso, apesar da opressão acarretada pelo machismo também na vida de mulheres negras e não brancas, existem outros sistemas de opressão que trazem mais complexidade para sua existência como mulher.

Na luta contra a dominação patriarcal, é necessária a participação de mulheres de diferentes classes e raças, assim como a presença de homens conscientes do machismo que está consolidado na nossa sociedade. Segundo hooks (2019), a luta feminista deveria fazer parte de todos, uma vez que ela tem como objetivo a libertação e anulação de todas as formas de opressão. É preciso dizer que "o feminismo, como luta libertadora, deve existir à parte de e como parte de uma luta maior para erradicar a dominação em todas as suas formas" (HOOKS, 2019, p. 62). Porém, como enfatizado e discutido por hooks, a inclusão e o reconhecimento de mulheres de outras classes e raças dentro da luta feminista precisa ser ampliada e compreendida que o não lugar destas mulheres também é uma forma de opressão dentro da própria luta das mulheres.

Esta mudança dentro dos movimentos feministas pode ser percebida dentro do que é concebido como segunda onda do feminismo, que surgiu nos anos 60. Fraser (2019) destaca que as feministas da segunda onda ampliaram seus eixos, enfatizando outras injustiças além do gênero. Questões de classe, raça, sexualidade e nacionalidade também foram abordados, resultando em uma alternativa interseccional que é aceita atualmente. Mesmo a segunda onda sendo um marco significativo para o crescimento do feminismo ao questionar e incluir estes outros eixos de discussão, a luta contra injustiças, dentro e fora do movimento, ainda é uma realidade necessária. Desta forma, hooks (2019) afirma que ter uma voz ativa e ser ouvida como mulher em uma sociedade, marcadamente por costumes e valores culturais enraizados na visão patriarcal, ainda permanece uma luta diária, principalmente para uma mulher negra.

2.2 O ato de erguer a voz

No primeiro capítulo do livro intitulado *Erguer a voz*, bell hooks (2019) comenta sobre o silenciamento e como ele ocorre de forma precoce, já que desde pequenas as mulheres são criadas para o silêncio. Ter questionamentos, opiniões,

não fazem parte do perfil feminino ditado pela sociedade patriarcal. Em um relato pessoal tocante, hooks (2019) revela que sempre foi punida por ter uma voz ativa que argumentava e questionava os adultos. As punições que aconteciam desde a sua infância tinham como objetivo silenciá-la, um fato que não aconteceria se ela fosse um menino, uma vez que eles são encorajados a falar, sendo louvados e incentivados a ter uma voz de autoridade desde a infância. A autora enfatiza que essas punições que recebia por "erguer a voz" pretendiam reprimir a sua habilidade de criar sua própria fala para que "a fala correta da feminilidade" surgisse. Indo além do ponto de vista de hooks (2019), compreendemos que nem todos os meninos são estimulados a ter uma voz, visto que uma grande maioria é jogada ao silêncio devido a questões de raça, classe e sexualidade.

Hooks (2019) ainda ressalta que o silêncio, visto pelo machismo como "discurso correto da feminilidade", é um sinal da submissão da mulher à autoridade patriarcal. Ela argumenta que fazer a transição do silêncio para a fala é, para o oprimido e para todos que lutam juntos contra a opressão, um gesto de desafio que proporciona cura. Esse processo de encontrar a sua voz, para assim erguê-la, e fazer-se reconhecida, manifesta uma prática libertadora. De acordo com a autora, "esse ato de fala, de 'erguer a voz', não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta" (HOOKS, 2019, p. 39).

Um ponto importante destacado por hooks (2019), é que o silêncio se faz presente em contextos bem definidos, como nas famílias de mulheres brancas e protestantes, por exemplo. Diferente das mulheres inseridas dentro da comunidade negra ou etnicamente diversa, onde suas vozes são ouvidas, porém não são reconhecidas pelos ouvintes. Ou seja, para algumas mulheres, o desafio é sair do silêncio enquanto para outras, o ato de "erguer a voz" é comum, contudo, suas vozes não são ouvidas. A necessidade nesse caso seria de "mudar a natureza e a direção da nossa fala, para fazer uma fala que atraia ouvintes, que seja ouvida" (HOOKS, 2019, p. 33).

Desta forma, de acordo com Collins (2019), o tema principal do pensamento feminista negro é a questão de encontrar uma voz que expresse o ponto de vista coletivo e autodefinido das mulheres negras. Patricia Hill Collins (2019) observa que muito do pensamento feminista negro reflete no esforço de encontrar uma voz coletiva e autodefinida, capaz de expressar um ponto de vista *womanist*. Esse termo foi criado pela escritora Alice Walker (1983), utilizado em seu romance *In Search of Our Mother's Garden: Womanist Prose*, uma expressão que diferencia o feminismo associado a mulheres brancas de classe média e inclui questões raciais como referência às mulheres negras.

A desigualdade entre homens e mulheres dentro da comunidade negra e como suas vozes são recebidas no seu contexto social também é um ponto discutido por hooks (2019). Ela traz como exemplo os pastores negros que discursam para serem ouvidos, fazendo com que suas palavras sejam lembradas, ao contrário das vozes de mulheres negras que em um contexto familiar poderiam ser ignoradas e não reconhecidas como uma fala significativa. A autora afirma que a fala verdadeira não é somente uma expressão de poder criativo, mas é um ato de resistência e um gesto político que desafia todas as políticas de dominação que nos mantêm no anonimato e no silêncio. Por isso, por mais que existam barreiras para que mulheres usem da sua voz, é preciso que tenham coragem para fazê-lo.

Nas discussões de hooks (2019), podemos observar que a voz é materializada e metaforizada como instrumento de poder, uma vez que "apenas

como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz – e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros" (HOOKS, 2019, p. 45). Silva (2016) acrescenta que esta voz tem uma natureza mutável capaz de evidenciar as particularidades de cada sujeito enquanto ser cultural e social. Sua apropriação faz com que ela caracterize a pessoa e a comunidade na qual ele faz parte. Considerando esse aspecto precisamos nos despertar para a importância da voz feminina, visto que ela traz identidade, assim como, destaque para nossa luta contra a opressão e o domínio patriarcal.

2.3 Encontrando a voz através da escrita

Vimos que para hooks (2019) a voz libertadora nos transforma em sujeitos capazes de expressar e definir nossa identidade no mundo, proporcionando uma autonomia para as mulheres, onde cada uma se torna responsável sobre como vai desfrutar da sua voz. Alguns recursos foram utilizados por mulheres para que suas vozes fossem reconhecidas dentro da sociedade, seja através da fala, em contextos formais ou informais, ou através da escrita. Materializando esta discussão, bell hooks (2019) relata como a realidade em que as pessoas estão inseridas pode influenciar no processo de encontrar esta voz libertadora, e como isso a fez chegar até a escrita.

Eu me lembro de assistir fascinada a como minha mãe falava com sua mãe, suas irmãs e amigas: a intimidade e a intensidade da fala delas – a satisfação que tinham em falar uma com a outra, o prazer, a alegria. Foi nesse mundo de falas de mulheres, de conversas barulhentas, palavras irritadas, mulheres com línguas rápidas e afiadas, línguas doces e macias, tocando nosso mundo com suas palavras, que eu fiz da fala meu direito inato – e o direito à voz, à autoridade, um privilégio que não me seria negado. Foi naquele mundo e por causa dele que cheguei ao sonho da escrita, de escrever (p. 33).

Em seu relato, hooks (2019) nos mostra a escrita se fez através da fala, expressando ideias e sentimentos de um mundo feito de mulheres. Como já apontado por ela, esse movimento não é linear uma vez que todas as mulheres vivenciam experiências, trajetórias e contextos diferentes. Apesar do seu interesse pela escrita, o despertar feminino para a literatura ocorreu de forma mais intensa no final dos anos 60 até o início dos anos 70, de acordo com Gayle Greene (1991). Essa explosão se deu por causa da ascensão dos movimentos feministas, onde as mulheres perpetuaram através da escrita, suas paixões, suas inquietações e coragem. Para muitas, a literatura veio como um instrumento, trazendo destaque para questões que antes não eram discutidas e reconhecidas pela sociedade.

Seja através de diários, poemas, cartas, romances, contos, artigos, *posts*, a literatura de escrita feminina tem crescido com o passar dos anos, quebrando paradigmas que haviam sido perpetuados pelos detentores do discurso. Tayza Rossini (2016) destaca que antes do surgimento das primeiras manifestações literárias de autoria feminina, esses sujeitos geralmente são brancos, do sexo masculino e de classe média alta. Em virtude disso, ela assegura que as representações femininas dentro da literatura eram dadas através da perspectiva masculina, confirmando o silenciamento e a invisibilidade reservada ao sexo feminino. Ela acrescenta que a crítica literária feminista aparece nesse contexto com

a intenção de alterar o conceito de representação (ideológica e tradicional) da mulher dentro da literatura até então produzida.

Desta forma, por muito tempo, Rossini (2016) aponta que as mulheres tiveram suas imagens representadas pela visão masculina, carregada de machismo e misoginia. A escrita feminina possibilitaria a retratação de uma perspectiva diferente, da mulher para a mulher, evidenciando suas lutas e suas opiniões. Assim, a verdadeira representatividade feminina dentro do cânone literário permitiu "a inclusão de vozes antes marginalizadas, tanto na produção dos textos, quanto na representação literária, o que contribuiu para que essas vozes fossem imersas no campo literário - portanto, que fossem legitimadas" (ROSSINI, 2016, p. 33).

No seu livro *O que é escrita feminina?*, Lucia Castello Branco (1991) traz questionamentos sobre a escrita de mulheres, afirmando que para muitos o termo literatura feminina é um problema, uma vez que esse adjetivo limita as temáticas de produção, relacionando-se diretamente à mulher. Ela aponta que isso levanta diversas questões acerca da caracterização sexual da escrita, que vai desde a fisiologia do texto até a exposição de aspectos relativos à fisiologia ou psique de seu autor ou autora. A terminologia abordada nesse trabalho a respeito da escrita feminina está relacionada à concepção de Branco (1991), onde a escolha do adjetivo feminino não vem para definir um tipo de escrita que só pode ser atribuída às mulheres. Todavia, a sua escolha vem por meio da caracterização de uma certa modalidade de escrita, algo relativo às mulheres e não somente produzido por mulheres. A autora ainda afirma que através de diversas leituras de autoria feminina ela pôde perceber como esses textos se diferenciam dos demais por possuírem um tom e um ritmo próprio. Esses aspectos distinguem a escrita indo além das temáticas escolhidas pelas mulheres, onde "sua preferência pelo gênero memorialístico ou autobiográfico se deve a seu profundo conhecimento dos universos do lar e do eu, próprios à criação de uma escrita intimista" (BRANCO, 1991, p. 14).

A voz feminina retratada através da escrita é importante pois aponta para mudanças necessárias dentro do cânone e fora dele, buscando por igualdade e representatividade. Estas mudanças para acabar com a dominação, a luta de se opor à colonização, fazendo a transição de objeto para sujeito, expressam-se no esforço de estabelecer uma voz libertadora. Essa maneira de falar, ou nesse caso, de retratar a fala por meio da escrita, nos identifica como indivíduos e caracteriza a nossa luta (HOOKS, 2019). Sendo assim, a voz libertadora também demanda de algumas mudanças em aspectos como aprender a falar e a escutar, para ouvirmos o outro de uma nova maneira. Com isso, se enfatiza a necessidade desses elementos para que outras pessoas em contexto de opressão (gênero, raça ou classe social) tenham oportunidades para falar e serem ouvidas. Porque muito mais do que falar, também precisamos aprender a ouvir essas vozes que foram silenciadas ao longo da história.

2.4 A importância da escrita da mulher preta

Como apresentado, podemos perceber que a escrita feminina tem em si um grande valor de representatividade, e esse aspecto é ainda mais relevante dentro da escrita feminina africana e afrodescendente. Segundo Alves e Souza (2018), a literatura produzida por essas mulheres anseia uma transformação histórica, que é fruto das relações entre tradição e contemporaneidade. A sua escrita conserva memórias da sua cultura e do seu povo, além de abordar temáticas atuais como o

feminismo e o machismo. A voz da mulher negra simbolizada através da escrita revela a importância do seu passado para que o presente seja diferente.

No seu trabalho, em uma parte intitulada "as vozes das escritoras negras", Patricia Hill Collins (2019) disserta sobre a ascensão da escrita feminina e discorre sobre os temas que são normalmente abordados dentro dessa literatura em específico. A autora afirma que anteriormente, apesar de existir uma tradição de mulheres negras escritoras, essa prática estava somente disponível para mulheres com educação formal. Collins (2019) ressalta que as mulheres negras de classe trabalhadora tiveram de lutar muito para encontrarem uma voz pública, visto que sem o acesso à educação, elas não tinham entendimento sobre a leitura e a escrita de textos. Por essa razão muitas delas encontraram no *blues*, e em outras tradições orais negras, o significado de suas vozes.

Ainda para Collins (2019), é notável a forma como diversas escritoras negras embasam seus trabalhos em temas comuns e discutidos por outras escritoras. Sobre esse tópico, bell hooks (2019) também observa essa similaridade na escolha dos assuntos dentro da escrita feita por mulheres negras. Ela afirma que existem diversas razões para tais semelhanças, como: a posição social (moldada pelo machismo e o racismo), e as experiências culturais e étnicas compartilhadas entre mulheres negras. Como apontado por De Lima Junior (2018), essas vozes não apenas retomam temas ou discussões comuns entre escritoras negras, mas criam e estabelecem uma comunidade discursiva que ecoa e ressoar subjetividades. Assim, podemos perceber que a articulação entre as tradições culturais e linguísticas, assim como de temas da contemporaneidade, apontam para a importância de representações realistas dentro da literatura.

De acordo com Luana Caetano Thibes (2018), a escrita da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie é um ótimo exemplo de representatividade africana e afrodescendente dentro da literatura feminina contemporânea, uma vez que as obras de Chimamanda "contam com representações condizentes com a realidade, complementando estudos antropológicos que se propõem a analisar como se dão as relações da mulher negra com a sociedade contemporânea" (THIBES, 2018, p. 13). A escrita da nigeriana conta com a representação de protagonistas mulheres que sofrem com a discriminação de sua cor, raça e gênero. Thibes (2018) ressalta que escritoras como Adichie expõem por meio de suas obras algumas ideias que vão em busca de melhores condições para a realidade do seu povo. Seu pensamento crítico acerca de questões de raça e gênero, além da sua escrita única acerca de histórias reais, marcou a literatura e conduziu diversos debates acerca do feminismo e do racismo na atualidade.

3 ANÁLISE DA OBRA *AMERICANAH*

Para melhor contextualização da obra *Americanah* (2013), algumas informações importantes foram adicionadas à análise, como a biografia da autora Chimamanda Ngozi Adichie e o resumo do romance em questão.

3.1 A autora

O romance em análise foi escrito pela autora Chimamanda Ngozi Adichie, nascida no ano de 1977 na cidade de Enugu, Nigéria, país localizado na costa oeste da África. Chimamanda cresceu em Nsukka, nos arredores da Universidade da Nigéria, onde seu pai (James Nwoye Adichie) foi professor de estatística e vice-

chanceler adjunto, e sua mãe (Grace Ifeoma) foi a primeira mulher nomeada como secretária executiva da instituição.

Vinda de uma família de acadêmicos, cursou Medicina e Farmácia por um ano e meio nessa mesma faculdade, porém aos 19 anos deixou seu país para estudar Comunicação na *Drexel University*, nos Estados Unidos. Prosseguiu com seus estudos na área de Comunicação e Ciências Políticas na *Eastern Connecticut State University*, completou seu *Master's Degree* em Escrita Criativa na *Johns Hopkins University* e seu *Master of Arts Degree* em História Africana na *Yale University*.

Durante seu último ano na *Eastern*, Chimamanda começou a escrever seu primeiro romance, *Hibisco Roxo (Purple Hibiscus)*, que foi lançado em outubro de 2003. O livro foi amplamente aclamado pela crítica, sendo selecionado para o *Orange Fiction Prize* (2004) e premiado pelo *Commonwealth Writers' Prize* (2005) na categoria "Melhor Romance de Estreia". Seu segundo romance, *Meio Sol Amarelo (Half of a Yellow Sun)*, foi publicado em 2006 e ganhou o *Orange Prize* do ano seguinte. Em 2013, Adichie publicou seu último romance, intitulado *Americanah*. O livro recebeu o *US National Book Critics Circle Award* (2013) e foi nomeado na lista de "10 melhores livros de 2013" do jornal *The New York Times*. Os direitos de adaptação do livro foram adquiridos pela premiada atriz Lupita Nyong'o, e surgiram diversas especulações sobre a narrativa se tornar uma série de 10 episódios para a plataforma de *streaming HBO Max*.

Claramente *Americanah* foi seu trabalho com mais destaque dentro da perspectiva de vendas e de crítica, tornando-se um marco de sua carreira, e estabelecendo Chimamanda como uma das escritoras mais importantes da atualidade. A nigeriana conquistou ainda mais atenção do público quando parte do seu TEDx Talk *We Should All Be Feminists* (2012) foi colocado como *sample* na música ****Flawless* da cantora americana Beyoncé, contribuindo para um debate em escala mundial sobre o feminismo contemporâneo.

Chimamanda Ngozi Adichie teve seus trabalhos publicados e traduzidos para aproximadamente 50 línguas, e entre eles estão: a coletânea de contos, *No Seu Pescoço (The Thing Around Your Neck)*, publicado em 2009); seu discurso no TEDx Talk, *Sejamos Todos Feministas (We Should All Be Feminists)*, publicado em 2014); o ensaio, *Para Educar Crianças Feministas - Um Manifesto (Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions)*, publicado em 2017); seu discurso no TED Talk, *O perigo de uma história única (The Danger of A Single Story)*, publicado em 2019); e o ensaio, *Notas sobre o Luto (Notes on Grief)*, publicado em 2021).

Em 2015, Chimamanda foi nomeada na lista das 100 pessoas mais influentes do mundo (*100 Most Influential People in the World*) pela revista *TIME*. Ela faz parte da Academia Americana de Artes e Letras (*American Academy of Arts and Letters*) e da Academia Americana de Artes e Ciências (*American Academy of Arts and Sciences*). Atualmente, a escritora divide seu tempo entre os Estados Unidos e a Nigéria, onde ensina e lidera workshops sobre Escrita Criativa.

3.2 Resumo do romance

Americanah (2013) narra a história de amor entre Ifemelu e Obinze, um jovem casal que vive em Lagos nos anos 90, durante o governo militar nigeriano. O contexto político e social do país fez com que diversas organizações enfrentassem momentos de instabilidade, a exemplo das greves universitárias que se tornavam cada vez mais recorrentes na época. Esses acontecimentos fizeram com que os

protagonistas do romance deixassem a Nigéria para dar continuidade aos seus estudos em outros países.

Ifemelu vai para os Estados Unidos morar com sua Tia Uju por um curto período de tempo no Brooklyn. Ansiosa para retomar seus estudos e iniciar de fato sua vida na América, ela parte para *Wellson College*, no estado da Filadélfia. Na esperança de reencontrar sua amada, Obinze tenta ir para os EUA logo em seguida, porém não consegue. Os eventos do 11 de Setembro dificultaram sua entrada no país, e seu visto foi negado diversas vezes pela Embaixada Americana. Depois de algum tempo sem notícias de Ifemelu, Obinze acaba imigrando ilegalmente para Londres.

Em pouco tempo, Ifemelu pôde perceber que a realidade americana não é nada glamourosa, mas bem complicada. Pela primeira vez em sua vida ela foi forçada a lidar com o que significava ser negra, visto que na Nigéria questões de raça não eram tão relevantes (e como se, ser uma jovem mulher imigrante já não fosse o bastante). As situações do seu cotidiano, e as diferenças de cultura, classe, raça e gênero, provocavam diversas reflexões na protagonista. Esses eventos levaram Ifemelu a escrever um *blog*, onde compartilhava suas experiências e seus pensamentos mais sinceros sobre assuntos como racismo, identidade, hierarquia racial, diferenças de classe, política, padrões de beleza e estereótipos.

O foco narrativo varia entre os acontecimentos da vida de Ifemelu e Obinze, mostrando como seus caminhos foram cruzados, distanciados e reconectados. O tempo cronológico também não é linear, visto que a história começa com Ifemelu totalmente estabelecida nos Estados Unidos após 13 anos da sua chegada, refletindo sobre sua vida na Nigéria e o início do seu relacionamento com Obinze. Vemos que ela retoma também episódios do seu processo de adaptação no novo país, do início da sua trajetória acadêmica em uma instituição americana, das dificuldades em encontrar um trabalho, amizades, relacionamentos, entre outros. Esse processo de recordar acontece logo após sua decisão de voltar para a Nigéria, depois de tantos anos longe da sua terra natal.

Enquanto isso, Obinze se tornou um homem rico e de família, estabelecendo seu império em Lagos. Porém, isso também não o impediu de lembrar sobre seu passado com Ifemelu e de todos os problemas que sofreu devido a sua permanência ilegal na Inglaterra. Os anos mostraram que ambos haviam seguido direções opostas, e que os dois haviam enfrentado muitas complicações pessoais e sociais para chegar onde chegaram.

3.3 Análise dos eventos de *Americanah* através da teoria de bell hooks

Por mais que a narrativa de *Americanah* (2013) descreva a história do casal Ifemelu e Obinze, nosso foco de análise será na trajetória de Ifemelu, que desde jovem não era condicionada ao silêncio, e que mais tarde iria usar sua voz através da escrita para apontar os sistemas de opressão presentes nos Estados Unidos. Essa parte do trabalho foi organizada de acordo com momentos nos quais a personagem se fez ouvida dentro do romance, além de destacar acontecimentos que foram importantes para sua trajetória como escritora.

3.3.1 Irmã Ibinabo – Questionamento de “normas”

Desde a sua adolescência, Ifemelu sempre foi descrita como uma garota de personalidade forte e de ideias próprias. A personagem é tida pelos seus pais como

insubordinada após ter contestado a Irmã Ibinabo, uma senhora muito importante para a comunidade religiosa da qual ela e sua mãe faziam parte. O episódio ocorreu em um dia de trabalho na igreja, onde a irmã Ibinabo repreendeu uma garota chamada Christie na frente de todos por ela estar usando calças justas, já que de acordo com ela, "toda menina que usa calças justas deseja cair em tentação." (ADICHIE, 2014, p. 59) e que era melhor ela evitar isso. Ifemelu ficou enfurecida com a postura desagradável da irmã, e o tom de religiosidade usado no sermão a lembrou de sua mãe, que segundo ela era "uma pessoa que tinha de estender o manto da religião sobre seus desejos mesquinhos" (ADICHIE, 2014, p. 60). Indignada com aquela situação, pela lembrança dos dizeres e virtudes de sua mãe, Ifemelu questiona a irmã sobre o serviço que estavam fazendo ali, uma vez que eram destinados para homens com intenções ruins:

Por que eu deveria fazer enfeites para um ladrão?'. Irmã Ibinabo arregalou os olhos, atônita. Fez-se um silêncio. As outras meninas ficaram observando, expectantes. [...] 'O chefe Omenka é um estelionatário e todo mundo sabe disso', disse ela (ADICHIE, 2014, p. 59 - 60).

Depois desse confronto, Ifemelu vai para casa pensando na reação de sua mãe quando soubesse do ocorrido. Ao chegar, ela recebeu puxões na orelha e repreensão dos pais por ser provocativa e "nem sempre saber quando deve ficar com a boca fechada" (ADICHIE, 2014, p. 61). Mais adiante, a mãe de Ifemelu ainda argumenta que "se era para se comportar assim, melhor se tivesse nascido menino" (ADICHIE, 2014, p. 61), destacando a ideia de que meninas não deveriam se posicionar, ao contrário dos meninos. A fala correta da feminilidade imposta pelo machismo não tem nenhuma ligação com condutas de contestação e questionamento. Sobre esse aspecto, hooks (2019) enfatiza que diversas punições verbais e físicas podem ocorrer ao falar e se ouvir falar enquanto se constrói a voz. Ela destaca que essas atitudes de silenciamento são muito comuns na criação de meninas, e as punições por erguer a voz tinham por objetivo reprimir qualquer possibilidade de criação da própria fala. A voz não deveria ser libertária, mas reprimida para que a fala correta da feminilidade surgisse.

3.3.2 Kayode e Obinze – Caracterização de Ifemelu por homens

Em outro contexto, Ifemelu é descrita por Kayode, amigo de Obinze, como "[...] linda, mas dá trabalho demais. Sabe discutir. Sabe falar. Nunca concorda com ninguém" (ADICHIE, 2014, p. 69). Este tipo de comentário ressurgiu através das palavras de Obinze que tinha se relacionado com Ifemelu por não estar interessado em "meninas boazinhas". Ele enfatiza que Ifemelu se faz ser ouvida por "ser o tipo de pessoa que faz algo porque quer, não porque os outros estão fazendo." (ADICHIE, 2014, p. 69). Estas passagens podem sugerir que mesmo sendo reprimida dentro do seu ambiente familiar, Ifemelu continuou a construir a sua voz, independentemente dos papéis impostos pelos contextos em que estava inserida. Além disso, estas concepções tanto de Kayode quanto de Obinze apresentam traços que marcam que ter sua voz ouvida e não silenciada são atributos de mulheres difíceis e complicadas. Esta concepção e estereotipação das mulheres não silenciadas abre discussões sobre *gaslighting*, onde um discurso pode ser distorcido para que o abusador seja favorecido e a própria vítima duvide de sua sanidade: "Loucura, não só abuso físico, era a punição para uma mulher que falasse muito" (HOOKS, 2019, p. 35).

3.3.3 Poeta haitiana – Questionamento da “alienação” de mulheres negras/ o descobrir-se negra

Anos depois, já morando nos Estados Unidos, Ifemelu se vê em uma situação em que "as palavras, mais uma vez, foram mais rápidas que ela; tomaram sua garganta e se derramaram para fora" (ADICHIE, 2014, p. 315). Após uma poeta haitiana ter declarado que raça nunca foi um problema para ela, dentro do seu antigo relacionamento com um homem branco, Ifemelu fala de como se sentiu desde que se mudou para a América.

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque não queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos (ADICHIE, 2014, p. 315).

Podemos ver que a personagem se descobriu negra pela primeira vez quando estava em outro país, já que na Nigéria questões raciais não eram pertinentes. Sobre esse aspecto, Stuart Hall (2006) define raça como uma categoria discursiva, e não biológica. Isto é, ela é uma categoria que organiza as formas de falar, os sistemas de representação e as práticas sociais, utilizando um conjunto pouco específico de diferenças em termos de características físicas e corporais (como a cor da pele, textura do cabelo), assim como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. Ou seja, em seu país de origem, Ifemelu não enxergava essas diferenças por viver em uma comunidade onde as características físicas, corporais e culturais eram comuns a todos. A partir do momento que ela se coloca em uma realidade que é repleta de imigrantes, e assim, cheia de diversidade racial, a personagem começa a perceber várias problemáticas que afastam os indivíduos e as suas vivências dentro desse contexto. Perspectivas raciais é um tópico amplamente discutido durante todo o romance, e é de imensa importância para Ifemelu, visto que ela se atenta e observa suas próprias experiências de forma crítica, sendo futuramente registradas em seu *blog*.

3.3.4 Curt – Questionamentos que emergiram nesta relação

Em um dado momento da história, depois de analisar uma série de acontecimentos que vivenciava diariamente ao lado de Curt, seu ex-namorado branco, Ifemelu escreve para sua amiga Wambui "[...] um *e-mail* longo, que inquiria, questionava, revirava" (ADICHIE, 2014, p. 320). Nesse *e-mail*, ela descrevia os olhares de julgamento que recebia por estar ao lado de um homem branco, loiro e de olhos claros. Sem contar as vezes em que percebia o grande esforço feito pela família de Curt para que Ifemelu se sentisse acolhida entre eles, enfatizando sempre as suas origens, e assim, a sua raça. A maior incompreensão de Ifemelu em relação a Curt, seria de "como ele podia compreender uma coisa e ser completamente cego para outra parecida, como conseguia colocar-se no lugar do outro de forma tão fácil em uma instância e ter tanta dificuldade em outra" (ADICHIE, 2014, p. 316). Por essa inconstância e pelas diferenças, os dois vieram a terminar o relacionamento depois de um tempo.

3.3.5 Wambui – A voz libertadora através da escrita (blog)

Através da leitura dos *e-mails*, Wambui identifica em Ifemelu uma fala sincera e uma escrita habilidosa, e em sua resposta ela declarou para a amiga que "tudo isso é tão cru e verdadeiro. Mais pessoas deveriam ler. Você deveria fazer um *blog*" (ADICHIE, 2014, p. 320). O conselho de Wambui fez com que Ifemelu começasse a registrar suas observações através de um *blog*, abordando diversas temáticas que partem do racismo e do machismo. De acordo com hooks (2019), a consciência da necessidade de falar, de dar voz às variadas dimensões da vida, é uma maneira da mulher não branca começar o processo de se educar para a consciência crítica. Muito mais do que debater criticamente sobre os sistemas de opressão, Ifemelu também desejava despertar as pessoas para tais problemas. Com a sua plataforma *online*, "ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir histórias alheias. Quantas pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinha se tornado negras nos Estados Unidos?" (ADICHIE, 2014, p. 320). Para hooks (2019), é relevante e necessário que pessoas de diversos grupos étnicos/raciais realizem um papel importante na criação e disseminação de material sobre suas experiências particulares. Esse processo é fundamental, e por meio dele podemos aprender mais sobre o outro, estudando sobre a vivência e a perspectiva de outros grupos.

3.3.6 Avalanche crítica – Lidando com a repressão

Com o passar do tempo, o *blog* que inicialmente havia sido intitulado *Raceteenth*, ou "Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos", cresceu e se tornou muito mais do que um palco para reflexões sobre o racismo. Agora, Ifemelu era reconhecida como uma "blogueira", uma pessoa pública que fechava parcerias com marcas de beleza, mas que também era convidada para *workshops* em universidades. A personagem foi ganhando grande visibilidade, o que foi positivo em alguns casos, visto que Ifemelu enxergou o seu *blog* como uma fonte de renda fixa, fazendo com que ela se dedicasse ainda na sua escrita. Porém, a exposição também gerou aspectos negativos uma vez que ela começa a sofrer com ataques na *internet* por causa de sua fala e de seus *posts*.

Por muitas vezes, Ifemelu mudou de posicionamento para que não fosse criticada, sendo essa uma atitude problemática e que diz muito sobre como a escrita feminina feita por uma mulher negra é contestada. Como apontado por hooks (2019) sobre sua experiência pessoal com a publicação do seu primeiro livro, *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*, o diálogo crítico é sempre bem-vindo, mas a avalanche crítica em sua intensidade pode empurrar uma pessoa ao silêncio. É compreensível que a escrita crítica já venha com o pretexto de debate, mas precisamos nos atentar para que essa troca seja sempre pautada na humanização e na conscientização do tema. Isso nos leva de volta à discussão inicial de repressão e silenciamento do oprimido, e como ele é prejudicial para mulheres negras, considerando que para elas, a fala verdadeira é mais do que uma expressão criativa, é um ato de resistência. A autora ainda complementa que a fala verdadeira é "um gesto político que desafia políticas de dominação que nos conservam anônimos e mudos. Sendo assim, é um ato de coragem - e, como tal, representa uma ameaça" (HOOKS, 2019, p. 36). Assim, percebe-se que estas ameaças disfarçadas de críticas podem ser compreendidas como um movimento de silenciamento, de devolver para este espaço de repressão à personagem, revelando os obstáculos

que diversas mulheres enfrentam para que sua fala se mantenha viva dentro do seu contexto social.

3.3.7 Blaine – A opressão dentro da escrita

Mesmo com tantas barreiras, Ifemelu não se rendeu ao silêncio. E mais tarde ela viria a compartilhar suas ideias com seu namorado Blaine, um acadêmico de *Yale* que sempre sugeria que ela trouxesse uma abordagem mais teórica sobre política em seus *posts*. Ele queria ditar a escrita de Ifemelu, com o argumento de que "as pessoas não leem você como entretenimento, mas como uma avaliação da nossa cultura. É uma grande responsabilidade. Existem jovens escrevendo trabalhos de faculdade sobre seu *blog*" (ADICHIE, 2014, p. 338). Essa conversa nos mostra como Blaine, um homem aparentemente consciente acerca do machismo e do racismo, estabelece uma fala que vai contra a premissa da liberdade da mulher escrever sobre sua perspectiva acerca de temas que refletem a realidade social na qual ela está inserida. Porém, colocando de lado essa problemática, a narrativa também expõe como a personagem alcançou contextos variados, não só como uma "blogueira" que vende sua imagem, mas como uma escritora reconhecida em nível acadêmico. Esta apropriação de espaços, tais como a universidade, podem caracterizar a busca de Ifemelu por ser capaz de conscientizar uma parte da sociedade acerca dos sistemas de opressão existentes nos Estados Unidos através da sua escrita.

3.3.8 Ifemelu – A vida após o blog

Contudo, apesar de Ifemelu ter alcançado um certo renome, "com o tempo, passou a se sentir como um abutre se alimentando das carcaças das histórias dos outros em busca de algo que pudesse usar em seu *blog*" (ADICHIE, 2014, p. 11). Sua forma de pensar mudou, e seus objetivos de vida também. Ela já não era a mesma garota que havia se mudado para a América há treze anos atrás, mas agora ela era uma mulher pós-graduada que construiu uma carreira como escritora. Através da busca de uma nova versão de si mesma, Ifemelu tomou algumas decisões a respeito da sua vida pessoal e profissional.

Os anos longe da sua terra natal fizeram com que a saudade do seu país e do seu povo aumentasse cada vez mais, e apesar de ter uma vida tranquila e consolidada nos Estados Unidos, a personagem decidiu voltar para a Nigéria. Dentre tantas mudanças, a sua paixão pela escrita permaneceu a mesma, guiando Ifemelu para algumas reflexões acerca do seu retorno à Nigéria com um novo *blog* intitulado "As Pequenas Redenções de Lagos". Seu objetivo seria viajar pelo país, registrando histórias que falam da sua cultura e da sua língua. Isso nos leva de volta à concepção de Alves e Souza (2018), na qual a literatura feminina negra é fruto das relações entre tradição e contemporaneidade, mostrando a necessidade da escrita feminina negra de retratar suas tradições como uma forma de preservar a memória do seu povo, e de expressar a diversidade que existe dentro dele.

3.3.9 Ifemelu e hooks – Ficção e vida real

Compreendemos que os anos na América mostraram a Ifemelu que ela tinha uma voz muito importante, carregada de significados e questionamentos. Em diversos momentos, essa fala foi aprimorada e desafiada, fazendo com que a

portadora ganhasse coragem e se preparasse para as outras etapas da sua vida. Levando em consideração sua jornada pessoal, hooks (2019) afirma que o ato de erguer a voz foi um ritual de iniciação que a fortaleceu e a preparou para o resto da sua vida, "os dias em que a escritura, os comentários de rejeição, os períodos de silêncio, a publicação, o desenvolvimento contínuo pareciam impossíveis, mas necessários" (HOOKS, 2019, p. 38). Acreditamos que a trajetória de Ifemelu também tenha sido assim, cheia de altos e baixos, mas que tudo foi necessário para que ela alcançasse o nível de reconhecimento que ela merecia. As mulheres presentes nessa análise, Ifemelu na ficção e bell hooks na vida real, nos provaram que o ato corajoso de erguer a voz é verdadeiramente libertador, e que através dele é possível alcançar voos mais altos e, dessa forma, alcançar lugares mais distantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que os sistemas de opressão impostos pela sociedade patriarcal na qual vivemos, e que estão mimetizados na obra, não conseguiram silenciar Ifemelu. Pelo contrário, como apresentado e discutido, ela buscou observar, questionar e criticar o mundo à sua volta. Através das suas vivências e ao decorrer do romance, a personagem construiu uma voz crítica capaz de relatar e direcionar discussões acerca do racismo e do machismo. Sua escrita propôs mudanças na forma como enxergamos e reconhecemos o outro, além disso, ela representou a identidade de uma raça, abordando sua cultura acerca dos seus costumes, cores, corpos e cabelos.

Temos conhecimento de que a narrativa ficcional representa muito da realidade, assim como bell hooks (2019) que ao narrar sua experiência pessoal de uma mulher negra que insistiu em erguer a sua voz e que fez da escrita um instrumento para que sua fala fosse ouvida e reconhecida dentro da sociedade, escancara e escrutina relações assimétricas de poder e opressão até mesmo em movimentos como o feminismo. Suas contribuições acerca do feminismo e do racismo além de fornecerem lentes para uma visão diferenciada e situada do lugar de fala da personagem em questão, podem servir para debates e estudos, como base para teorias e pesquisas em diversas áreas.

Por meio dessas lentes oferecidas por bell hooks (2019) para uma compreensão da história contada por Chimamanda Ngozi Adichie (2014), consideramos que a escrita feminina negra tem um grande papel de conscientizar a sociedade na qual estamos inseridos. Sua importância vai além do cânone literário, dando voz às lutas do passado que, infelizmente, ainda fazem parte do nosso presente. Apesar de não terem o devido reconhecimento, essas mulheres são referência para tantas outras que ainda estão em silêncio ou que estão descobrindo e construindo suas vozes, assim como esta pesquisadora que encontrou na leitura de livros como *Americanah* (2014) e *Erguer a voz* (2019) a importância da voz feminina para reivindicar seu lugar no mundo. As histórias reais e/ou fictícias escritas por mulheres negras, nos possibilitaram uma nova forma de enxergar a luta feminista, e por isso, entendendo minha posição de privilégio social e racial como uma mulher branca, decidi dentro da minha pesquisa, dar lugar para vozes que possuem em si uma grandeza para discorrer acerca de temas como o feminismo e o racismo na sociedade atual.

Ao realizarmos este estudo, tentamos contribuir de alguma forma para a visibilidade da escrita feita por mulheres negras, dando oportunidade para que suas vozes sejam reconhecidas e suas criações conhecidas, além de promover reflexões

sobre questões como raça e gênero. A atual pesquisa se limitou à trajetória de Ifemelu, porém é preciso ressaltar que dentro da narrativa de *Americanah* (2014) existem diversas mulheres cujas histórias de vida renderiam ricas análises acerca de suas lutas e suas vozes. Pensando nisso, sugerimos como aprofundamento de pesquisa que outras personagens do livro, ou até mesmo outras obras de autoras como Adichie e hooks sejam estudadas e utilizadas em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS:

ABOUT. **Chimamanda**, 2021. Disponível em:

<<https://www.chimamanda.com/about/>>. Acesso em: 12 de mai. de 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALVES, Ana Claudia Oliveira Neri; SOUZA, Elio Ferreira de. A escrevivência de Chimamanda Ngozi Adichie em *Americanah*: diálogos com Conceição Evaristo. **Cadernos Cajuína**, Teresina, v. 3, n. 2, p. 85-94, 2018.

AMERICANAH. **Chimamanda**, 2021. Disponível em:

<<https://www.chimamanda.com/americanah/>>. Acesso em: 13 mai. de 2022.

BRANCO, Lucia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213-230.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 271-310.

DE LIMA JUNIOR, Celso José. **Rainha Exilizada**: Jornada psicológica de uma mulher em busca do verdadeiro eu, em Lya Luft. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 25-46.

GREENE, Gayle. **Changing the Story: Feminist Fiction and the Tradition**. Indiana University Press, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. A Construção do Feminino na Literatura: Representando a Diferença. **Trem de Letras**, v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 jul. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.

SILVA, Itânia Flávia da. **LINGUAGEM E PODER: Práticas discursivas e a constituição de identidades linguísticas no contexto escolar**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras-Profletras) - Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2016.

THIBES, Luana Caetano. **As mulheres de Chimamanda: representações de raça, etnia e gênero**. 85 f. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

TUNCA, Daria. Biography. **The Chimamanda Ngozi Adichie Website**, 2004. Disponível em: <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>>. Acesso em: 12 de mai. de 2022.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 83-92.